I Festival Literário

FLIPOJUCA

Daqui do meu lugar, eu fico a imaginar

editora itacaiúnas

Juliana Lemos Marinho da Silva
Ana Célia Feitoza Guimarães
Organizadoras

Daqui do meu lugar, eu fico a imaginar

Textos finalistas

Ilustrações:
SECOM

Editora Itacaiúnas
Ananindeua – PA
2022

© 2022 por Juliana Lemos Marinho da Silva e Ana Célia Feitoza Guimarães (Orgs.)
© 2022 por diversos autores
Todos os direitos reservados.

Projeto gráfico
Juliana Lemos Marinho da Silva

Diagramação e capa:
Walter Rodrigues

Organização e preparação de originais:
Deividy Barbosa

Capa e ilustrações:
SECOM - Secretaria Especial de Comunicação do Ipojuca

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

D111 Daqui do meu lugar, eu fico imaginando [livro digital] / organizado por Juliana Lemos Marinho da Silva e Ana Célia Feitoza Guimarães. – 1ª edição. Ananindeua : Itacaiúnas, 2022.
80p. : il. ; 21x28cm.

Inclui sumário
ISBN: 978-65-89910-90-9

1. Literatura brasileira. 2. Festival literário. 3. Ipojuca. I. Título.

CDD B869
CDU 82

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura brasileira B869
2. Literatura 82

O conteúdo desta obra, inclusive sua revisão ortográfica e gramatical, é de responsabilidade de seus respectivos autores, detentores dos Direitos Autorais.
Esta obra foi publicada pela **Editora Itacaiúnas** em julho de 2022.

Dedicamos este livro a todos os que veem a educação como a maior das esperanças.

Ana Célia e Juliana

É com grande satisfação que apresentamos esta belíssima obra, construída graças ao esforço coletivo dos nossos estudantes e professores, com o apoio da equipe técnica e pedagógica da Secretaria de Educação do Ipojuca, em parceria com a gestão e coordenação das unidades de ensino.

Daqui do meu lugar, eu fico a imaginar traz uma coletânea de produções textuais inspiradas nas belezas e encantos da nossa amada Ipojuca de autoria de estudantes ipojucanos e de duas educadoras da nossa rede. Os textos resultam de uma ação educativa conjunta, visando o letramento literário e o protagonismo dos estudantes, além do reconhecimento do papel fundamental do docente nesse processo edificante.

Diante da relevância desse livro, sobretudo para a comunidade escolar ipojucana, quero agradecer a todos e todas que se envolveram diretamente na produção desta obra. A vocês, nosso reconhecimento e gratidão.

Nosso agradecimento especial aos estudantes que coloriram este livro com seus sonhos, alegrias e inspirações.

Cordialmente,

Francisco José de Amorim de Brito

Secretário Municipal de Educação

Este livro é fruto de muito afeto, alegria, criatividade e imaginação de vários atores que, ao ser produzido de forma colaborativa, promoveu a fantasia e a arte de crianças, jovens e adultos que brilham nas nossas escolas. A publicação de “Daqui do meu lugar, eu fico a imaginar” cumpre a função de evidenciar as inspirações dos estudantes ipojucanos e dar voz às suas emoções. Uma obra encantadora em que foi dada a oportunidade de discentes de todas as idades se colocarem como protagonistas do processo educacional. Esses textos aqui reunidos nos enchem de muita alegria, pois representam o olhar puro, criativo e emotivo daqueles que são o alvo principal das nossas ações.

Tenho a convicção de que conseguimos, com esse rico festival, estimular, nas nossas comunidades escolares, a importância da leitura e da produção literária, contribuindo para o desenvolvimento de indivíduos que sentem, que são, que vivem e que se expressam por meio da arte e literatura e que estão preparados para modificar o mundo.

E, diante de tanta inspiração, deixo meu agradecimento a todos os envolvidos, equipe SME, gestores, coordenadores, técnicos educacionais e principalmente aos professores e estudantes. Obrigada pela dedicação.

Boa leitura e boa imaginação a todos!

Um beijão no coração.

Sílvia Helena Vasconcelos da Silva

Diretora de Desenvolvimento de Ensino

Produto da primeira edição do Festival Literário do Ipojuca – Flipojuca, a publicação de *Daqui do meu lugar, eu fico a imaginar* é motivo de orgulho para todos nós. Ter agora este livro em mãos nos faz rememorar todo o percurso que precisamos traçar desde o lançamento do edital do Festival até aqui. Este é um momento importante para reconhecermos a mobilização e esforços empreendidos por todas as 64 unidades escolares de todas as etapas e modalidades da rede. Em todo o percurso que traçamos, equipes técnicas, gestores e coordenadores estiveram nos bastidores desta produção cujos protagonistas não poderiam ser mais especiais: nossos estudantes e professores!

Estão reunidos aqui 35 produções textuais das seguintes categorias:

Ilustração de cantiga de roda – Educação Infantil;

Quadrinha – 1º e 2º anos;

Reconto – 3º ano;

Poema – 4º e 5º anos;

Memórias literárias – 6º e 7º anos;

Crônica – 8º e 9º anos;

Cordel – EJA I e II;

Causo – EJA III e IV;

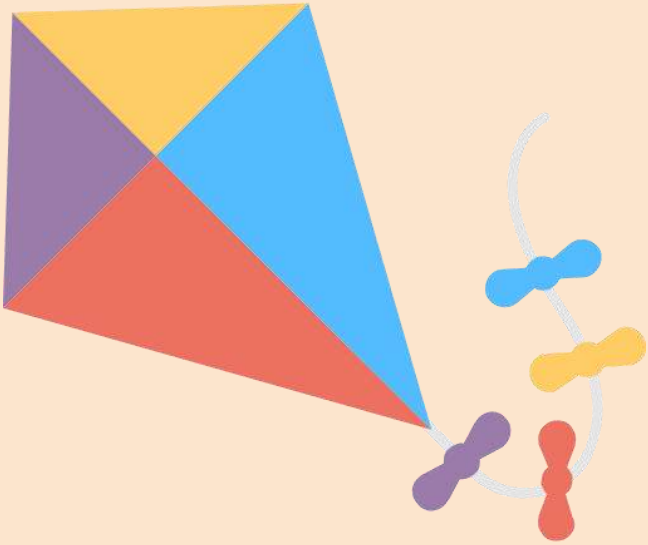
Relato de prática – professores.

Com o objetivo de favorecer o ensino e a aprendizagem da leitura, da escrita e da oralidade por meio do letramento literário, o Flipojuca — por meio da Secretaria Municipal de Educação — oferece a toda a comunidade ipojucana esta obra que é *um verdadeiro acontecimento*!

Parabenizamos todos os escritores por nos oferecer textos tão inspiradores.

Desejamos a cada leitor uma excelente leitura!

Coordenação Editorial



SUMÁRIO

Ilustração de cantiga de roda

A Dona Aranha 14

De abóbora faz melão 15

Linda rosa juvenil 16

Caranguejo não é peixe (I) 17

Caranguejo não é peixe (II) 18

A canoa virou 19

A formiguinha corta a folha e carrega 20

Não atire o pau no gato 21

Quadrinha

Ler e imaginar 24

Saudade 25

As praias de Ipojuca 26

Vem supitangar 27

Reconto

Júlia e Jonatas (baseado no conto João e Maria) 30

As aventuras de um barquinho 31

Cachinhos Pretos 32

Poema

Uma estrela no céu 36

A cidade do Ipojuca 37

O mundo dos meus sonhos 38

Daqui do meu luar, Ipojuca a brilhar 39

Ipojuca, meu lugar! 40

Memórias literárias

Minhas memórias de infância 44

Um dia na praia 45

Recordações da minha infância 47

Minhas lembranças das festas juninas 48

Crônica

Nostalgia 52

Os cientistas e o Megalodom 54

O capitão 56

Cordel

Sentado a imaginar 60

Peleja de uma mãe 61

Daqui do meu lugar, eu fico a imaginar 62

Causo

Em terras novas 66

Um velho conhecido 67

Meu paletó virou cinza 68

Relato de prática

Vamos brincar e aprender com as cantigas de roda? 72

Ler e imaginar 76

ILUSTRAÇÃO DE CANTIGA DE RODA

As ilustrações a seguir foram produzidas pelos estudantes da Educação Infantil da rede, após um trabalho de excelência desenvolvido pelas suas professoras, tendo como base o estímulo à imaginação por meio da música. Sabemos que a arte é um dos principais e mais eficazes meios de expressão das emoções e percepções humanas frente à realidade e, quando falamos em crianças pequenas, temos ao nosso favor o fato de elas possuírem uma capacidade de leitura de mundo diferenciada e mais concreta, formando, assim, a habilidade de contar histórias e de se comunicar por meios diversos. Além disso, o uso das cantigas populares promove ainda mais o fortalecimento da identidade cultural de um povo, aspecto tão importante de ser trabalhado em uma fase essencial do desenvolvimento, em que as crianças reconhecem o mundo a partir do reconhecimento de si. As crianças também ganharam a oportunidade de vivenciar experiências seguras por meio da imaginação ao adentrar as histórias contadas nas cantigas, estimulando, consequentemente, sua criatividade e diversificação de linguagens.

A Dona Aranha

(Compositores: Ana Paula Vilas-Boas Tribuzy / Dalmo Medeiros / Dp / Paulo Steinberg Zin / © Universal Music Publishing Group
Ilustração: Isabella Beatriz da Silva Arruda

A dona aranha subiu pela parede
Veio a chuva forte e a derrubou
Já passou a chuva o sol já vai
[surgindo
E a dona aranha continua a subir

Ela é teimosa e desobediente
Sobe, sobe, sobe e nunca está
[contente

A dona aranha subiu pela parede
Veio a chuva forte e a derrubou
Já passou a chuva o sol já vai
[surgindo
E a dona aranha continua a
[descer

Ela é teimosa e desobediente
Desce, desce, desce e nunca está
[contente

Professora Clécia Rufino de Santana
Escola Mun. Santa Rita – Infantil V

De abóbora faz melão

(Domínio público)
Ilustração: Dayane Beatriz Silva de Lima

De abóbora faz melão
De melão faz melancia
De abóbora faz melão
De melão faz melancia

Faz doce, Sinhá, faz doce, Sinhá
Faz doce, Sinhá Maria

Quem quiser aprender a dançar
Vá na casa do Juquinha

Ele pula, ele roda
Ele faz requebradinha
Ele pula, ele roda
Ele faz requebradinha

Professora Maria do Rozário Barbosa de Aguiar
Escola Mun. Prof.ª Amara Josefa da Silva – Infantil IV B

Linda rosa juvenil

(Compositores: Hyldon De Souza Silva / Zoe Coelho Netto Medina)
Ilustração: Pedro Miguel Emiliano dos Santos

A linda Rosa juvenil,
[juvenil, juvenil.
A linda Rosa juvenil,
[juvenil, juvenil.
Vivia alegre no seu lar,
[no seu lar, no seu lar.
Vivia alegre no seu lar,
[no seu lar, no seu lar.

E um dia veio a bruxa má,
[muito má, muito má.
E um dia veio a bruxa má,
[muito má, muito má.
Que adormeceu a Rosa assim,
[bem assim, bem assim.
Que adormeceu a Rosa assim,
[bem assim, bem assim.

E o tempo passou a correr,
[a correr, a correr.
E o mato cresceu ao redor,
[ao redor, ao redor.

E um dia veio um belo rei,
[belo rei, belo rei.
E um dia veio um belo rei,
[belo rei, belo rei.
Que despertou a rosa assim,
[bem assim, bem assim.
Que despertou a rosa assim,
[bem assim, bem assim.

E batemos palmas para o rei,
[para o rei, para o rei.

Professora Ednalva Maria da Silva Santos
Escola Mun. Elisa Emília de Almeida – Infantil V C

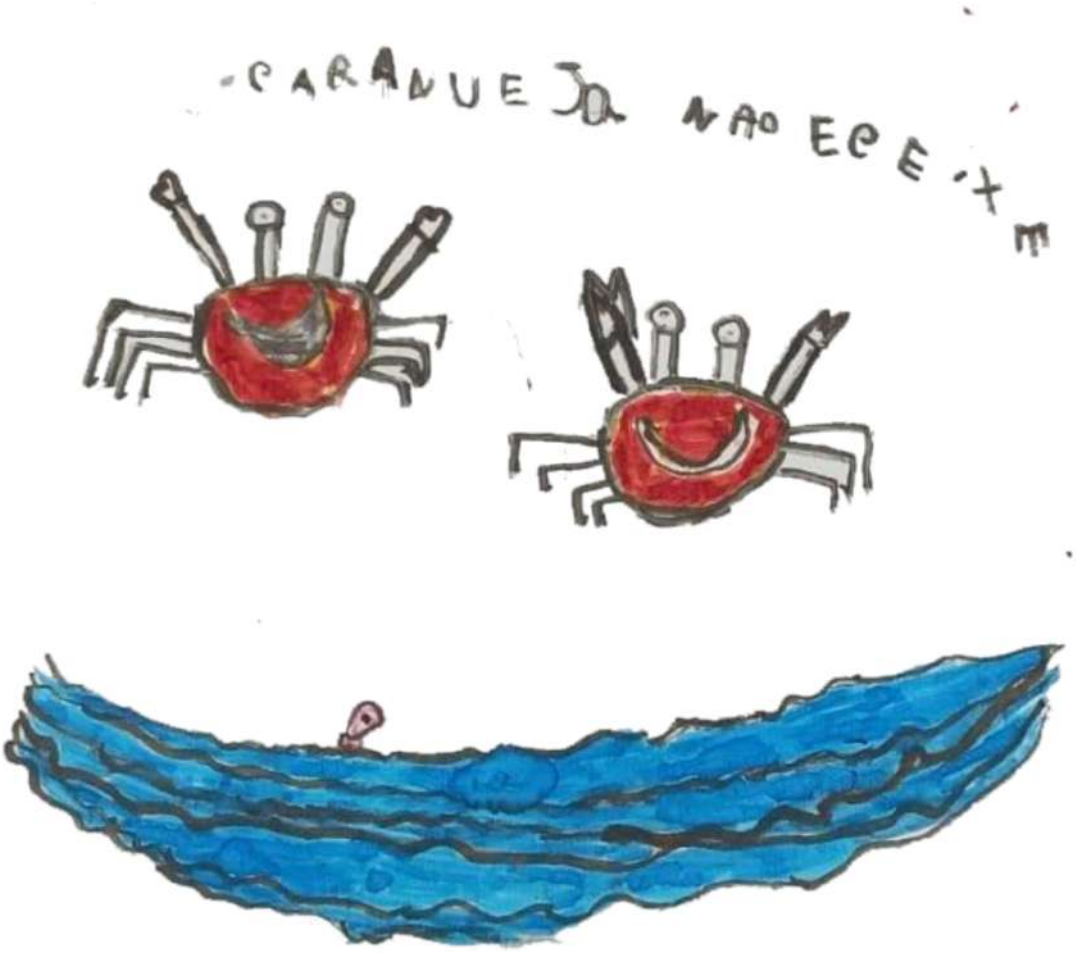
ILUSTRAÇÃO DE CANTIGA DE RODA

Caranguejo não é peixe (I)

(Domínio público)

Ilustração: Larissa de Albuquerque Souza Andrade

Caranguejo não é peixe
Caranguejo peixe é
Caranguejo só é peixe
Na enchente da maré
Ora, palma, palma, palma!
Ora, pé, pé, pé!
Ora, roda, roda, roda
Caranguejo peixe é!

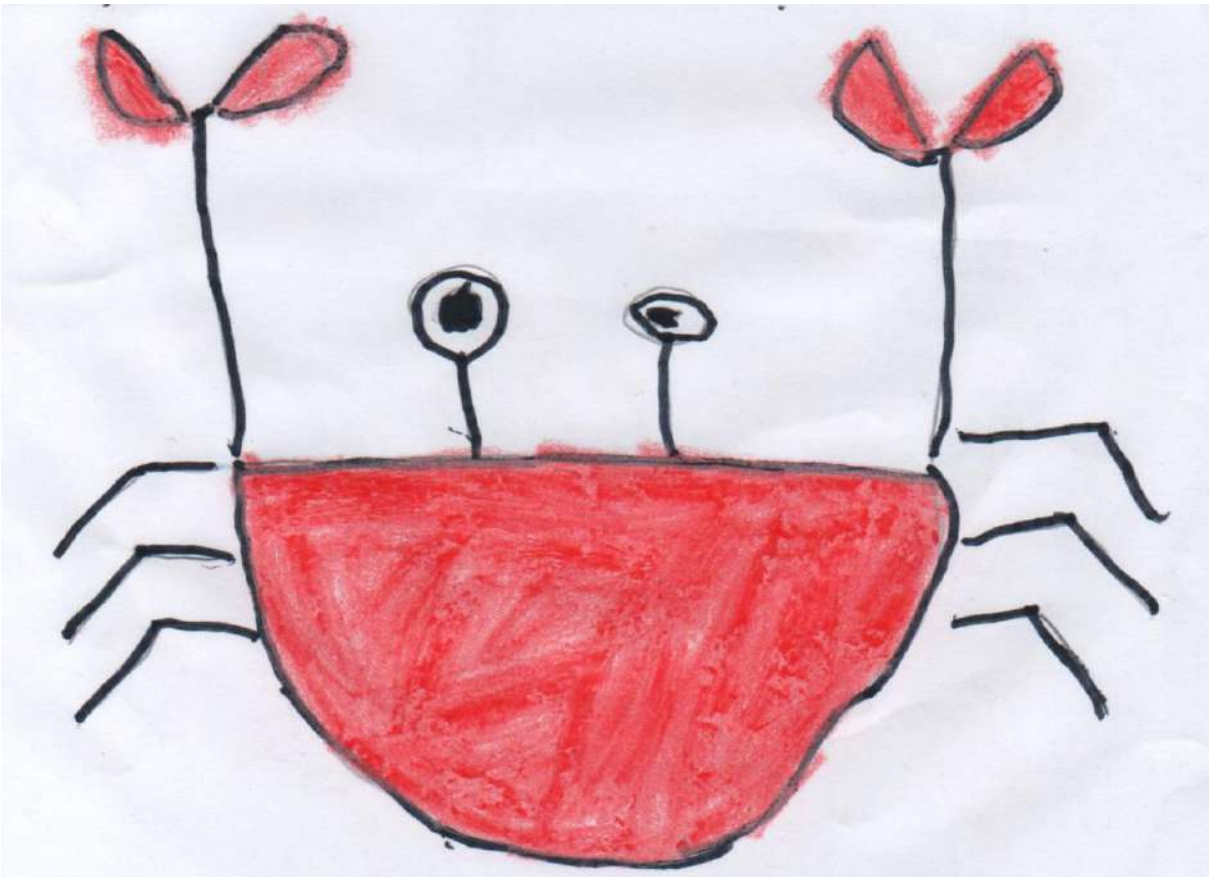


Professora Maria José dos Santos Silva
Escola Mun. Ministro Jarbas Passarinho – Infantil V B

Caranguejo não é peixe (II)

(Domínio público)
Ilustração: Adeir Gabriel Montenegro Araújo

Caranguejo não é peixe
Caranguejo peixe é
Caranguejo só é peixe
Na enchente da maré
Ora, palma, palma, palma!
Ora, pé, pé, pé!
Ora, roda, roda, roda
Caranguejo peixe é!



Professora Edleuza Maria da Silva
Creche Mun. Alzira Maria da Silva Chalaça – Infantil V A

A canoa virou

(Domínio público)
Ilustração: Anna Vitória Maria da Silva

A canoa virou

Por deixá-la virar

Foi por causa da menina

Que não soube remar

Se eu fosse um peixinho

E soubesse nadar

Tirava a menina

Do fundo do mar.

Professora Carla Roberta de Araújo do Nascimento
Escola Mun. Maria José Ferreira da Costa – Infantil V B

A formiguinha corta a folha e carrega

(Autor desconhecido)
Ilustração: Joana Livya de Aquino Teixeira

A formiguinha corta folha e carrega

Quando é pesada a outra pega

Vejam só que exemplo glorioso

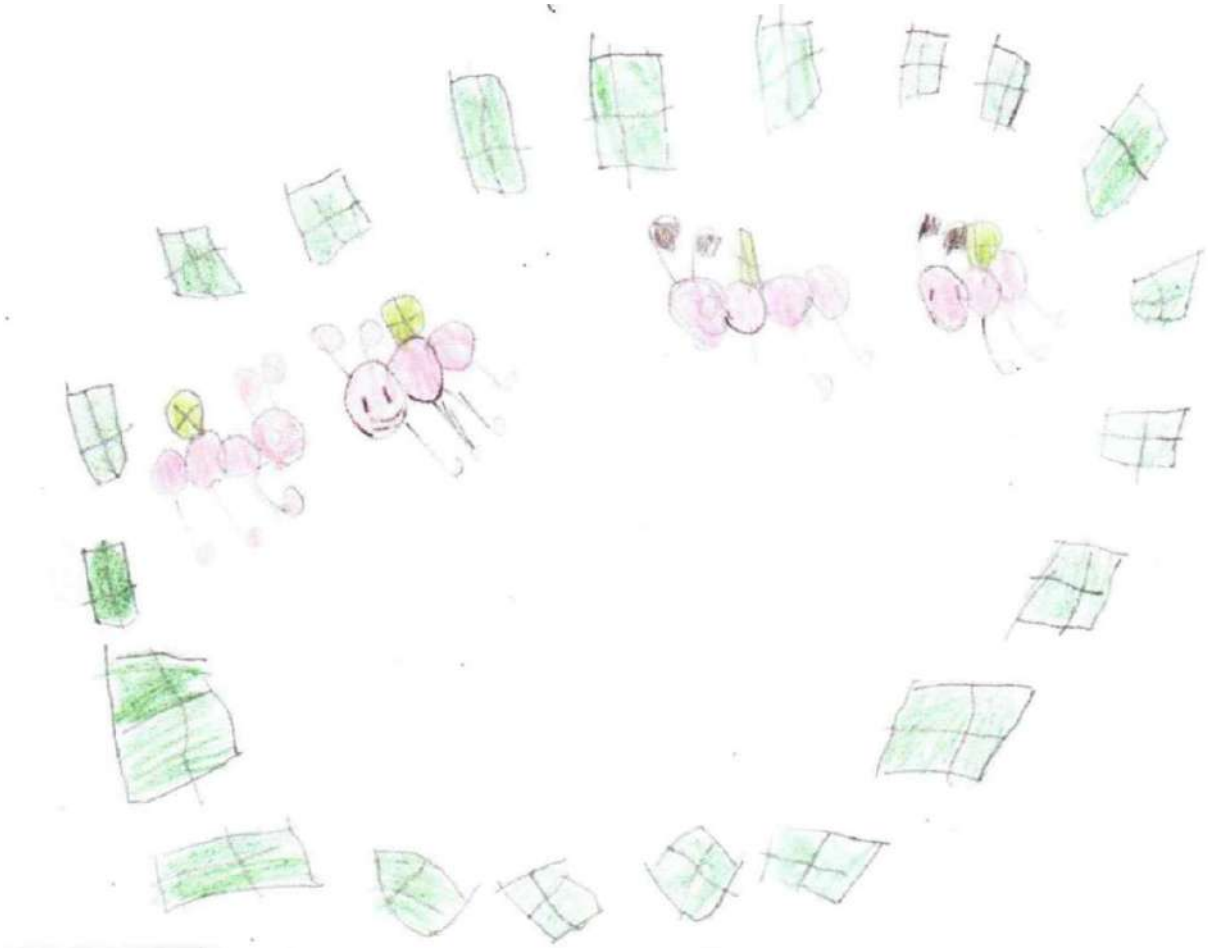
A formiguinha ensinando o preguiçoso.

Deus não quer preguiçoso em sua obra

Deus não quer preguiçoso em sua obra

Deus quer sua obra feita

Porque se não o tempo sobra.



Professora Maria de Lourdes de Abreu
Escola Mun. Santa Inês – Infantil IV B

Não atire o pau no gato

(Autor desconhecido)
Ilustração: Emelly Letícia da Silva

Não atire o pau no gatô - tô

Porque isso - sô

Não se faz - faz - faz

O gatinho - nhô

É nosso amigo - go - go

Não devemos maltratar os animais

Miauu!

Professora Marina Amanda da Silva Lopes Abreu
Escola Mun. Maria Teresa – Infantil V

QUADRINHA

Nas páginas a seguir, vamos ler quadrinhas produzidas por turmas de 1º e 2º anos da rede. A quadrinha é um excelente gênero para ser explorado no ciclo de alfabetização. Por meio das quadrinhas, as crianças poderão reconhecer a orientação com que os textos são lidos e escritos (da esquerda para a direita/de cima para baixo); observar a segmentação das palavras; perceber a semelhança sonora das sílabas; localizar palavras; divertir-se com o jogo de rima; produzir, em colaboração com os colegas, novos versos; recitar quadrinhas suas e de outros autores; divertir-se; vivenciar práticas significativas que envolvem linguagem poética.

Temos quatro quadrinhas lindas por conhecer! Elas são frutos de um rico trabalho posto em prática por professoras comprometidas com a alfabetização e com o desenvolvimento integral de nossas crianças.

Ler e imaginar

Alan Alves da SIlva, Alícia Maria Geralda Rodrigues, Arthur Miguel dos Santos, Bruno Gustavo da Silva, Erivaldo José dos Santos Júnior, Pedro Rodrigues da Silva, Riandra Raquel Silva Cavalcante, Alan Alves da Silva, Débora Eloá Maria da Silva, Deyvid Luiz Geraldo da Silva, Isabelle Maria Marques da Silva, Jeniffer Beatriz Lopes da Silva, Yngrid Gabrielly Maria da Silva

Sonhei que viajava
Eu e você numa aventura
Como passarinho voava
Nas asas da leitura.

Professora Luciana Conceição Dutra de Moura
Escola Mun. Fazenda São Miguel – 1º e 2º

Saudade

Syllas Antonio Silva de Oliveira

Que saudade daqueles morros
Que se escondiam ao anoitecer.
Brincava com meus amiguinhos
Até Rurópolis amanhecer!

Professora Ester Justino de Lima
Escola Mun. Prof.ª Genice Teles de Santana – 2º B

As praias de Ipojuca

Samuel Henrique da Silva

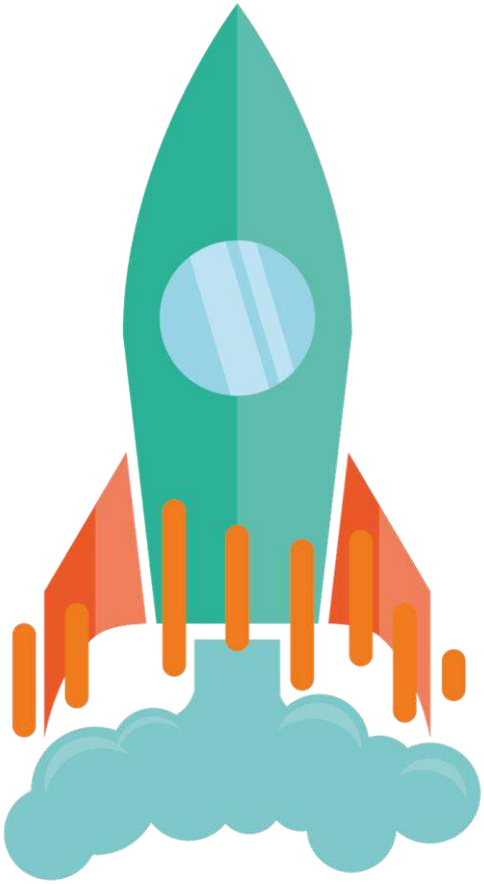
Fui pra Porto de Galinhas
Comi um peixe e salgadinho.
Queria ir pra lá de novo
Pra voltar bronzeadinho.

Professora Vilma Ferreira Pinto
Escola Mun. Agro Urbana – 2º C

Vem supitangar

Adriel Rodrigo dos Santos, Jhonatas Natanael Ferreira, José Eduardo Fabricio da Silva

Minha terra é Supitanga,
Lugar verde de ser feliz,
Brinco pra lá e pra cá de voar
E não paro de imaginar.



Professora Maria do Socorro dos Santos
Escola Mun. Nova Esperança – 1º e 2º

RECONTO

Você conhece o conto de fadas João e Maria? E as Aventuras de um barquinho de papel, já leu essa história? Você já ouviu falar em uma personagem chamada Cachinhos Dourados? Certamente! Essas e outras histórias encantadas povoam nossa imaginação desde sempre. A proposta de produção textual para as crianças do 3º ano da rede foi recontar histórias por meio do gênero reconto, tendo suas professoras como escribas. Ou seja, as crianças tiveram que recriar histórias conhecidas, alterando o enredo, trazendo novas personagens ou mudando suas características, modificando os lugares da narrativa…, mas sem perder o vínculo com os textos originais.

Dessa forma, as crianças puderam desenvolver muitas habilidades, como: apresentar ideias oralmente; respeitar o turno de fala dos colegas e da professora; planejar coletivamente a sequência dos fatos; soltar a imaginação para criar novos elementos para uma narrativa conhecida; criar o texto colaborativamente; avaliar e reavaliar a produção; divertir-se, escrevendo, lendo e ouvindo histórias; vivenciar práticas reais de produção textual. Vejamos o quão interessantes ficaram os textos dessas turminhas!

Júlia e Jonatas (baseado no conto *João e Maria*)

Alexsandro Carlos de Souza França Araújo, Ana Nicole Silva de Santana, Bruno Felipe da Silva Nunes de Almeida, Davi Gabriel do Nascimento Silva, Edarlyson Matheus Cruz da Silva, Erlan Endril Avelino de Barros Silva, Geovana Yasmin Santos da Rocha, Guilherme Renan dos Santos Vasconcelos, Jainy Vitória da Silva Soares, Jéssica Fernanda da Silva, João Pedro Santos Albuquerque, Jonatas Rodrigues da Silva, Kethelyn Eloiza de Souza Ferreira, Kettilyn Mayllany dos Santos, Maria Júlia da Silva Santos, Matheus Vinicius da Silva, Melyssa Sophia Mendes Silva, Pedro Henrique José de Sousa, Renan Guilherme Cordeiro Costa, Ryan José de Souza, Silas Vinícius da Silva Nascimento, Vitória Soares Ventura de Almeida, Yohanna Raquel da Silva Gomes

Em uma praia, estavam Júlia e Jônatas com a sua família. Pediram para passear perto da rocha, já que eram bons amigos.

Eles se perderam da sua família, pois não sabiam o caminho de volta. Foi quando encontraram uma linda cabana cheia de conchas e com várias comidas deliciosas. Comeram toda a comida, porém apareceu uma sereia que começou a cantar, porque queria levar Jônatas para o fundo do mar.

Júlia pegou uma rede e prendeu a sereia. Logo em seguida, fugiram e conseguiram reencontrar a família.

Professora Maria Jane Correa Soares da Silva
Escola Mun. Jesus Nazareno – 3º F

As aventuras de um barquinho

Arthur Bruno da Silva Costa, Elias Mateus da Silva Santos, Emanuel Pedro da Silva, Geanderson Manoel Lopes Cabral, João Gabriel da Silva, Kaic José da Silva, Laura Priscila Alves Farias, Lucas Gabriel Silva Santos, Luiz Eduardo de Lira Rocha, Luiz Gustavo da Silva Rocha, Matheus Filipe França da Silva, Matheus Henrique de Luna Silva, Renata Vitória da Silva, Silas Filipe Edivan do Nascimento, Sofia Gabrielly Júlia da Silva, Vinicius Kaua Gomes Ferreira

Era uma vez um menino que estava jogando futebol. De repente, apareceu uma nuvem bem escura no céu. Começou a chover bem forte e ele teve que ir para casa correndo.

Depois ele pegou uma folha de papel amarela e fez um barquinho, colocou o barco na água e um boneco dentro. O barco foi levado pela correnteza.

No caminho, encontrou uma família de três ratinhos e deu carona. Depois encontrou Dona Baratinha se afogando. Ela tinha perdido todas as suas moedas. Eles encontraram muito lixo no rio.

O barquinho correu para outro lugar que era muito bonito e tinha muitos peixinhos, camarões, sapos e passarinhos. Ele bateu na raiz de uma árvore e parou.

Os ratinhos pularam do barco e foram logo procurar comida, já a Dona Baratinha foi procurar uma casinha e o boneco ficou sentado, esperando outro menino para brincar com ele.

O barco de papel andou tanto que se desmanchou… Logo, logo vai aparecer outro menino para fazer outro barquinho.

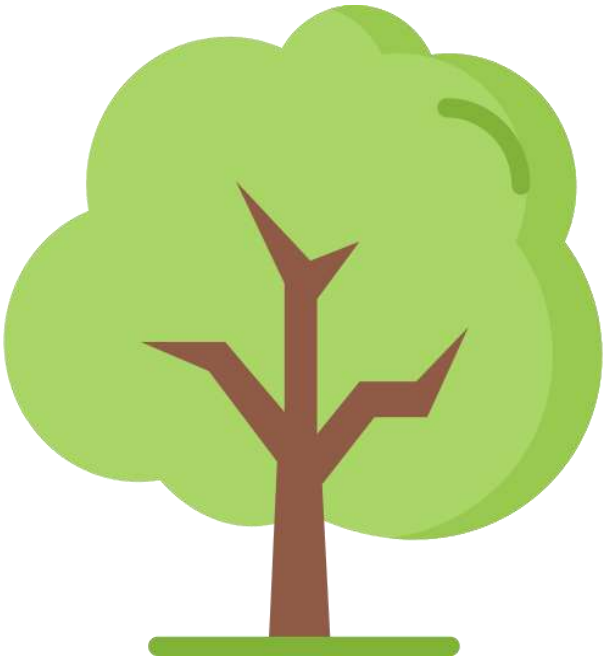
Professora Renata Muniz Marcondes
Escola Mun. Santa Inês – 3º A

Cachinhos Pretos

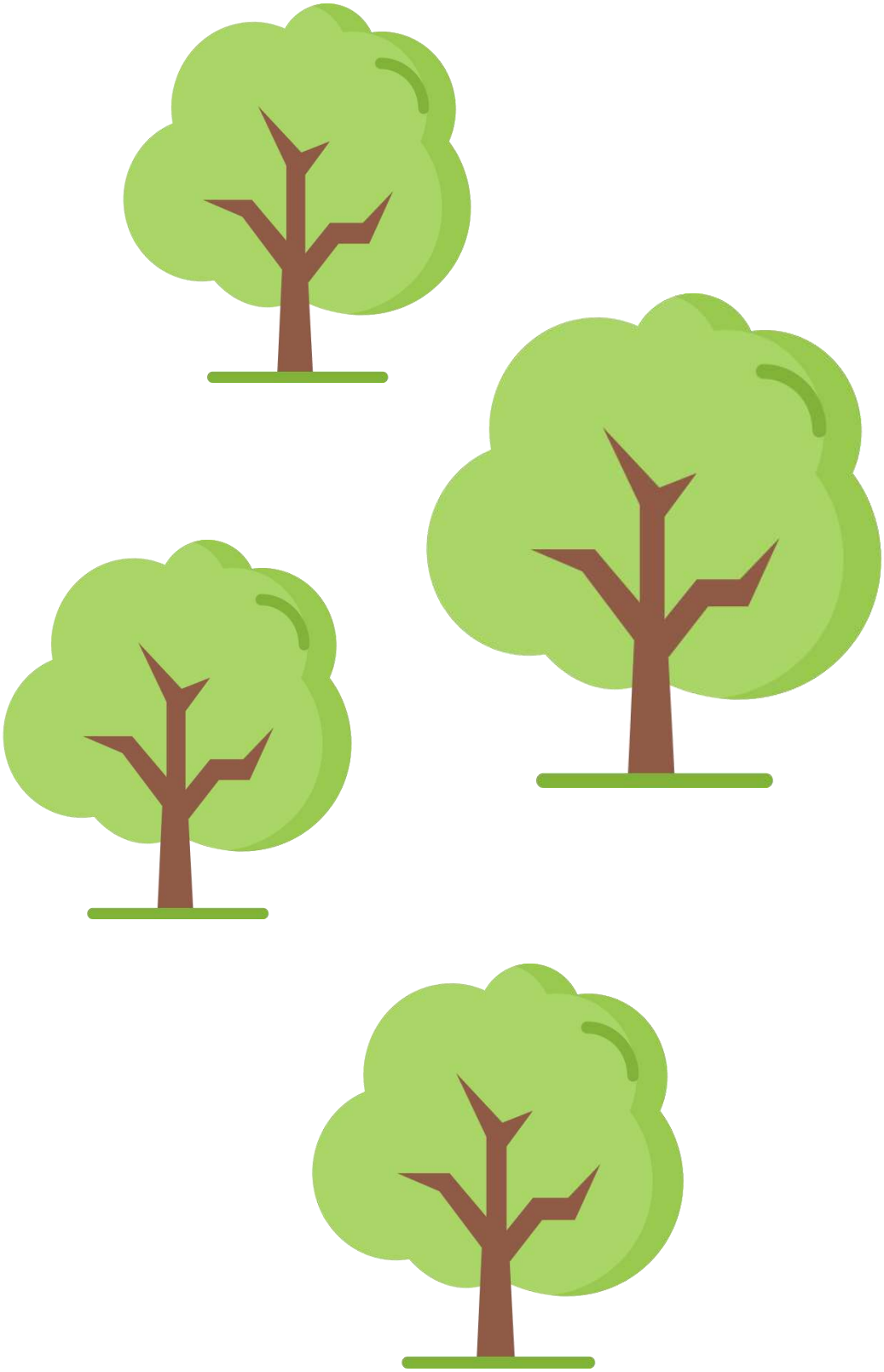
Fabiana Barbosa Gomes de Barros

Era uma vez uma menina. O nome dela era Cachinhos Pretos. Então, quando ela foi passear na floresta, viu uma casinha rosa. Cachinhos Pretos resolveu entrar na casa. Quando ela entrou, havia um banquete, alguns pratos cheios de mingaus. Ela provou o primeiro e estava muito quente, provou o segundo e achou gelado, provou o último e achou ótimo!

Então ela comeu e foi direto para a cama. Quando ela acordou, foi ao banheiro e, ao sair, viu três gatinhos e ficou muito assustada, mas depois brincaram bastante na floresta e tornaram-se amigos para sempre.



Professora Maria Elena Gomes da Costa
Escola Mun. Prof.ª Genice Teles de Santana – 3º A



POEMA

O poema é um gênero bastante explorado em toda a Educação Básica. Isso se deve ao fato de os poemas oferecerem muitas oportunidades para práticas pedagógicas importantes ao desenvolvimento dos estudantes, a começar pelo contato com a linguagem poética. Tudo em um poema é singular: o uso das palavras, a disposição dos versos, o ritmo, a expressão de sentimentos, o engenho criativo.

Para este livro, elegemos o poema como gênero a ser produzido pelas crianças dos 4º e 5º anos da rede. Assim, crianças já alfabetizadas sentiram-se desafiadas a exprimir ideias e sentimentos de modo criativo e especial. As próximas páginas trarão cinco excelentes poemas, produzidos com muito capricho por nossos meninos e meninas! Os textos falam sobre a saudade de quem já partiu; a beleza do imenso céu e as riquezas da cidade. Vamos conhecê-los.

Uma estrela no céu

Ana Carolina Ribeiro Lira de Souza

Daqui do meu lugar, fico a imaginar
Um passarinho a cantar
E um beija-flor a voar
Daqui do meu lugar!

Fico a imaginar minha vozinha no céu
E as estrelas a brilhar
Fico a imaginar meu coração batendo de emoção
Ao lembrar nossa canção.

Céu, terra e mar
Sempre irão me conquistar
Pois tenho certeza de que esse é o meu lugar
E que vou te reencontrar.

Professora Zuleide Maria da Silva
Escola Mun. Prof.ª Genice Teles de Santana – 5º C

A cidade do Ipojuca

Esdras Jarziel Santos

Escute agora o que vou falar,
É Ipojuca que vou amar,
Com sua beleza a exalar,
As grandezas do seu lindo mar.

Como não amar,
Cada cantinho deste lugar,
Ao olhar as maravilhas deste mar,
Fico a imaginar…
É Ipojuca o meu lugar

Alegria é morar,
Lá neste lindo lugar,
Meu amigo, escute o que vou falar,
Conheça Ipojuca, este lindo lugar.

Professora Josélia Bispo do Nascimento
Escola Mun. Maria José Ferreira da Costa – 4º B

O mundo dos meus sonhos

Gabrielli Iara da Silva

Desse meu mundo,
eu fico a sonhar o sol,
a lua e as estrelas a brilhar.

Desse meu mundo,
Eu fico a sonhar
As estrelas dançando
em uma noite de luar.

Desse meu mundo,
Eu fico a sonhar
O lindo céu,
e o sol a brilhar.

E desse meu lar,
Eu fico a imaginar
Como é lindo esse lugar.

Professora Cosma Maria dos Santos
Escola Mun. Santa Inês – 4º A

Daqui do meu luar, Ipojuca a brilhar

Kayke Marques de Lira

A nossa cidade é linda
Linda e popular
Ipojuca, terra bela
Muita gente vem visitar

Vem gente de lá do sul
Do norte, vem também
Tem gente que vem e fica
Vem ficar você também

Ipojuca tem gente de fé
Tem gente abençoada
Ipojuca é uma grande cidade
Uma cidade amada

Nossa cidade tem praias
Porto de Galinhas, Muro alto, Serrambi
Sucesso no mundo inteiro
Ipojuca brilha sem fim.

Professor Luciano Antônio Lima da Paz
Escola Mun. Ministro Jarbas Passarinho – 5º C

Ipojuca, meu Lugar!

Bruna Bianka da Silva

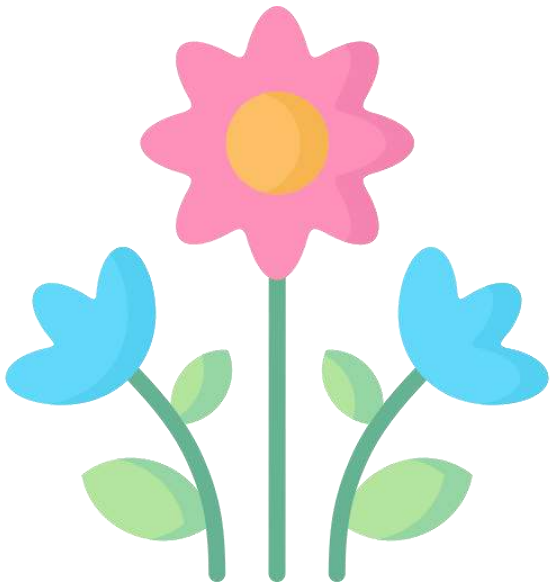
Ipojuca, meu lugar
Com orgulho vou falar
Dessa terra tão querida
Eu quero apresentar

Ipojuca, cidade amada
É um prazer comemorar
176 anos de história
Quero parabenizar

Ipojuca tem encantos
Seu turismo é uma riqueza
Conhecer os seus recantos
Que são todos uma beleza

Ipojuca tem belas praias
Engenhos pra visitar
Conheça nossa cidade
Pois você irá gostar

Ipojuca, amo você!
Viver aqui é um prazer
Lugar de gente guerreira
Que todos sabe acolher.



Professora Claudiane Maria de Souza
Escola Mun. São Paulo – 5º

MEMÓRIAS LITERÁRIAS

As memórias literárias são uma forma particular de narrarmos experiências marcantes da nossa vida. Para escrevê-las, precisamos mergulhar em acontecimentos do nosso próprio passado ou do passado de quem entrevistamos. É nesse mergulho que conseguimos identificar lembranças que, apesar da passagem do tempo, insistem em nos marcar *para o bem* ou *para o mal*. Lidar com essas recordações nos leva a perceber com serenidade que um dos pilares daquilo que somos são nossas próprias memórias.

Para produzir esse gênero, não basta se lembrar de fatos. É preciso encontrar uma forma genuína e especial de contá-los. É preciso uma dose de encantamento! A seguir, teremos o prazer de nos encantar com a maneira como quatro meninas, dos 6º e 7º anos, narram suas memórias e também memórias alheias. Essas jovens autoras nos convidam a fazer um mergulho *para dentro* para rememorarmos mais uma vez aquilo que estará guardado em cada um de nós para sempre!

Minhas memórias de infância

Joana Beatriz Silva Oliveira

Quando eu tinha quatro anos, adorava brincar de mamãe e filha com as minhas bonecas, e também adorava fingir que era uma pequena princesinha. Aos seis anos, sonhava em ser advogada ou policial e tenho esse sonho até hoje. Lembro também que sempre brincava de pega-pega com meus amigos, na pracinha, na frente da casa da minha avó. Uma vez, quando eu tinha sete anos, fui para a praia e foi muito divertido. Conheci algumas crianças e nunca mais as vi na minha vida, mas ainda lembro delas.

Um dia, quando tinha cinco anos, fui para a casa da minha tia. Brinquei muito com os meus primos. Foi muito legal. Quando tinha apenas quatro anos, vi meus pais brigando muito. Fiquei muito assustada com isso. No outro dia, meus pais se separaram, chorei horrores naquela noite, mas agora me acostumei com isso.

Eu sempre sonhava em viajar para fora do Brasil. Ir para vários países e levar a minha mãe comigo.

Um dia vi meu pai batendo na minha tia. Ele batia tanto que ela desmaiou (só tinha três anos na época). Depois desse dia, fiquei traumatizada. Nesse mesmo dia, meu pai me agarrou no colo, e me arrastou na parede e cortou meu braço. Quem viu o corte, foram os meus colegas no outro dia. Guardo na minha memória momentos difíceis de um período tão pequeno que já vivi, mas quero reverter todas essas memórias ruins e criar memórias que me deem vontade de relembrar.

Tenho vontades e sonhos, como todas as pessoas. Às vezes olho para o céu e vejo os aviões passando. Acho linda aquela imensidão do céu. Os aviões levam consigo os meus sonhos de menina, que um dia realizarei.

Professora Paula Roberta da Silva Santos
Escola Mun. Paroquial São Miguel – 6º B

Um dia na praia

Maria Clara Barros dos Montes

Canaviais, céu azul e um lindo mar. São essas imagens que vejo quando transito no lugar onde vivo, meu lindo lugar. Conhecida pelas belas praias, engenhos históricos e pelo povo acolhedor, assim é minha cidade… Minha amada Ipojuca!

Como viver num paraíso, onde outras pessoas desejam estar, e você ter medo de entrar nas águas cristalinas das belas praias deste lugar? Pois é. Carrego esta marca, marca de medo, de pavor. E tudo por causa de um belo dia que tinha tudo para ser de pura diversão em que finalmente iria inaugurar meu baldinho com forma de castelo e algumas forminhas que ganhei da minha tia.

Estava muito ansiosa por este dia… E ele chegou. Era um lindo sábado, resolvemos tirar este dia para descanso e diversão. Tudo era só alegria. Íamos a Porto de Galinhas, cenário perfeito para a construção do meu castelo de areia, na beira da praia mais bonita do Brasil. Não sabia eu o que estava por vir.

Depois que chegamos, comecei a fazer minha obra de arte na areia. Eu estava simplesmente encantada com minha construção. Já perto de terminar, veio uma onda e destruiu tudo. Revoltada e muito inocente, decidi me vingar. Fui lá e chutei com toda minha força a onda, para ela sentir a dor que eu estava sentindo. Mas ela era mais forte que eu, me derrubou e me levou junto com as águas e a base do meu castelo.

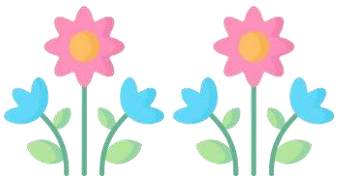
Minha mãe estava distraída e, quando me procurou, não me encontrou, pois estava dentro do mar me afogando. Apesar do desespero, de longe podia sentir a aflição da minha mãe que, em um ato heroico materno e mesmo não sabendo nadar, entrou nas águas e me resgatou. Pegou-me pelo braço e me consolou.

Por esta razão, até hoje tenho medo do mar. Então fico a pensar: se a minha mãe não tivesse se aventurado a me salvar, hoje não teria história para contar.

Professora Marcilene Silva de Paula
Escola Mun. Prof. Aderbal Jurema – 6º C

Recordações da minha infância

Ananda Ferreira da Silva



Num magnífico dia, acordei com o belo cantar de pássaros acima da minha cabeça, o melhor despertador que pude ter. Era um dia ensolarado e bonito, com as plantas e o mar brilhando com a luz do sol. Parecia que o céu sorria para mim. E, afinal, eu sentia que estava com sorte, pois todos daquela casa chique estavam dormindo num profundo e delicioso sono.

Perfeito, finalmente posso ficar em paz. Pensava eu feliz da vida, caminhando diretamente à piscina para admirar a bela vista.

Era tudo tão calmo. Antes da minha irmã acordar, ficamos conversando até ela sentir fome e ter que acordar os mais velhos.

Mesmo com aquele local lotado ao meio-dia, admito que me diverti ao ver tantas crianças felizes. Mas, mesmo assim, preferi ficar olhando só de longe. Tinha muito barulho. Olhar eles se divertindo da janela foi bem mais aconchegante.

Após o almoço, perto do anoitecer, aquele mágico dia parecia perto do fim, mas uma surpresa ainda me aguardava. Conversando com meu pai, fui empurrada na piscina por ele. Meu medo por não saber nadar me fez ficar nervosa. E minha irmã, num ato heroico, correu em meu socorro até a piscina e me segurou. Naquele momento, todo medo passou.

Eu tinha seis anos, Praia de Muro Alto. Numa casa branca, com grama verde, dia de sol, piscina, pessoas e mar azul. Vivi momentos emocionantes que nunca esqueci. Nas minhas memórias, eu fico a imaginar. Agora escrevo em palavras daqui do meu lugar para deixar registrado minha história de sol e mar.

Professora Simone Araújo Teixeira
Escola Mun. Mário Júlio do Rego – 6º E

Minhas lembranças das festas juninas

Thalyta Bruna da Silva

Nas lembranças de São João, no engenho onde morava a minha família, a festa junina era o dia mais animado daquele lugar, onde as pessoas aproveitavam os bons momentos para se reunir e celebrar todas as atividades recreativas da festa, fazendo comidas de diferentes tipos e sabores. Faziam bolos de milho e, até o dia de hoje, me sinto emocionada em pensar e falar sobre as deliciosas canjicas e pamonhas que junto com os meus irmãos, ouvindo e cantando as músicas de Luiz Gonzaga, fazíamos com muita alegria. Amava dançar um tipo de música: xote, em volta da fogueira, através de sons de sanfonas, zabumbas e triângulos.

Passávamos a noite inteira nos divertindo, dançando e contando estórias de lenda e adivinhações. Também gostava muito das saudosas quadrilhas que dançávamos entre vizinhos da região. Brincávamos de fazer comadre e compadre, ao passar por cima das brasas, sem queimar os pés.

Era um tempo de muita alegria na vida cotidiana daquele povo. Hoje só sinto saudade, pois não encontramos uma festa de São João como antigamente. Os amigos aproximavam-se para comemorar, trocando seu prato de comida um com o outro. Acendíamos fogos de artifícios e jogávamos na fogueira, e às vezes colocávamos debaixo de uma lata ou quengo de coco a fim de vermos a potência de cada um deles.

Hoje em dia, não consigo ver mais o verdadeiro sentido das festas juninas. No tempo de São João, só vemos violências, desunião e morte. Tempo bom que passou, hoje só existem lembranças.

Professor Elioner Vicente da Cunha
Escola Mun. Prefeito Luiz Manoel Nogueira – 7º B

CRÔNICA

A seção a seguir é composta por três crônicas bastante distintas entre si. De fato, ao escrever crônicas, podemos seguir por diferentes prismas. Ao autor, cabe escolher se sua crônica vai andar de braços dados com o jornalismo, com a poesia, com a filosofia, com o humor… Todas essas opções e outras mais cabem dentro desse gênero maleável por natureza. Mas há um aspecto que reúne todas as crônicas, por mais diferentes que sejam entre si: a observação do cotidiano, das coisas simples.

Os cronistas dos 9º anos — que se destacaram na produção das crônicas que iremos conhecer — trouxeram, cada um a seu modo, seu olhar. Seja pela constatação de que seu lugar de origem mudou, em aspectos físicos ou culturais; seja pela explosão criativa de pensar novos enredos para o mar, as crônicas aqui reunidas traduzem o poder de análise do entorno e originalidade de seus autores.

Nostalgia

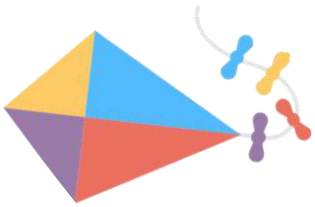
José de Souza Barbosa Filho

De ônibus, meu coração acelera, o anseio de volta. Estou voltando para o meu lugar de origem.

Finalmente eu chego. Meu coração palpita de ansiedade, mas chegando lá, olho em volta e me decepciono. Onde tinha espaço verde e uma flora linda, agora existem apenas casas; onde tinham crianças brincando de futebol de sandália, agora têm apenas calçamentos vazios e poluídos; onde tinha barro e grama, agora têm apenas paredes de tijolos e cimento.

Depois de olhar aquele lugar de origem destruído pela criação do homem, meu rosto se enche de lágrimas e, com aquele sentimento de decepção, sinto meu corpo gritando de tristeza. Então minha mente volta aos bons tempos, em que pequenos — eu e meus amigos — brincávamos, pulávamos, corríamos e conversávamos. Nós brincávamos de bola, amarelinha, esconde-esconde. Quando saltávamos de lugares altos e sentíamos a leve brisa do vento, caímos na areia e, com aquele anseio de sentir aquela sensação, voltávamos para pular.

Jogávamos futebol de sandália e, mesmo numa rua estreita, dávamos tudo de si para fazer apenas mais um gol. Quando eu brincava de sete cacos, sentia aquela adrenalina no centro do peito. Quando subíamos em pés de goiabas, pegávamos a fruta e dividíamos com todo mundo. E, quando pegávamos garrafas PET, descíamos a ladeira de barro.



Lembrando essa época, sinto a saudade entrando na minha mente, purificando todos os meus pensamentos, me fazendo sentir paz interior e, com os olhos cheios de lágrimas, abro um leve sorriso. Com uma sensação de consolo e nostalgia, eu olho para o lugar e falo para mim mesmo: “a minha infância foi a melhor que podia ser”. E com Lo-Fi no meu fone de ouvido, eu volto para casa.

Professora Roseane Phabrícia Sampaio Portela
Escola Mun. Prof. Aderbal Jurema – 9º A

Os cientistas e o Megalodom

Idresson Thiago do Nascimento Lima

Outro dia, um grupo de seis jovens cientistas tiveram a ideia de explorar o mar da praia de Porto de Galinhas, na cidade de Ipojuca. Pedro, Thiago, Bela, Victor, Bianca e Lethícia pegaram seus materiais de trabalho, colocaram dentro de um submarino e partiram.

Chegando a alto-mar, foram em busca de explorar os peixes que viviam naquela área, mas encontraram algo branco e grande grudado nos arrecifes, perto de algumas algas marinhas verdes. Então dois dos cientistas, Pedro e Thiago, vestiram as roupas de mergulho e saíram de dentro do submarino para explorar. O que eles descobriram foi algo muito parecido com um fóssil de baleia.

Após alguns dias, com a ajuda de um transporte que suportava uma grande carga, os cientistas Bianca, Victor, Bela e Pedro levaram o que eles acharam que era um fóssil de baleia para um laboratório no Recife. Ali passaram uma semana e cinco dias pesquisando muito, mas Bianca ainda tinha dúvidas sobre o que era aquilo. Ela decidiu voltar para sua casa, que ficava em Camela, um distrito de Ipojuca, para descansar um pouco, tomar um café e dormir em seu quarto.

Era uma manhã de quinta-feira quando sua amiga cientista, Lethícia, mandou uma mensagem pelo WhatsApp:

— Bianca, você precisa vir aqui no laboratório!

— Tô indo agora! — respondeu Bianca.

Chegando lá, Bianca encontrou todos os seus amigos cientistas juntos. Pedro e Thiago tinham descoberto que aquele negócio que eles tinham encontrado em alto-mar, no fundo do mar de Porto de Galinhas, era um fóssil de um tubarão que existiu há 2,5 milhões de anos. A cientista Bianca ficou muito feliz! Ela começou a pesquisar, junto com seus amigos de equipe, o nome que dariam àquela espécie nova de tubarão.

A cientista Bela teve uma ideia. Ela decidiu fazer uma homenagem ao seu pai, que se chamava Dom e que tinha falecido há seis meses. Então eles concordaram e decidiram chamar aquela espécie de tubarão de Megalodom.

Professora Aline Juliana Vargas de Lira
Escola Mun. Prefeito Luíz Manoel Nogueira – 9º B

O capitão

Maria Beatriz Ferreira de Melo

Falar sobre Ipojuca não é apenas narrar sobre os patrimônios turísticos ou culturais como Porto de Galinhas, o Convento de Santo Antônio, a Matriz de Nossa Senhora do Ó, a Praça do Baobá ou o Complexo Industrial de Suape. Falar sobre Ipojuca também é narrar sobre pessoas esquecidas no tempo e desconhecidas por muitos. Afinal, cultura é saber das histórias marcantes das pessoas mais simples, é conhecer a origem dos nomes das praças e ruas da sua cidade, pois essa é a nossa identidade, é o que molda uma sociedade, não são apenas estatísticas, mas realidades.

Precisamos lembrar as pessoas do passado, que mudam o nosso presente e interferem no nosso futuro.

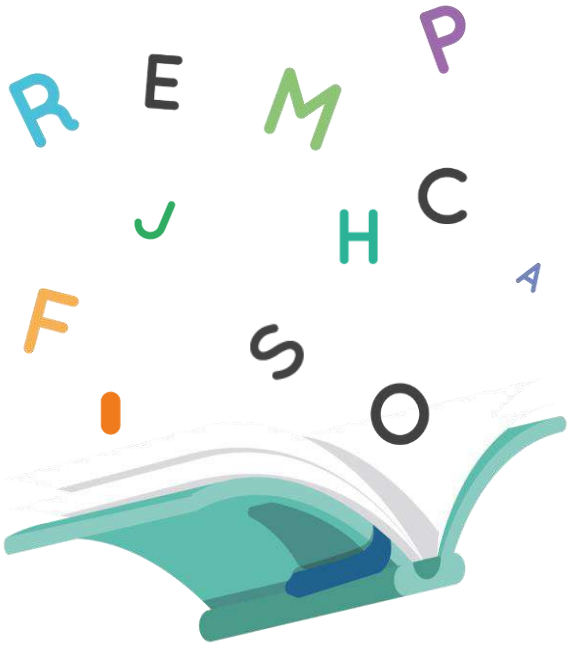
Antônio Braz Pereira, uma vez lembrado, mas sempre desconhecido, por um momento relembrado, em outro totalmente esquecido. Uma praça para homenagear, um busto para lembrar e uma placa para recordar.

Era filho, irmão, noivo, colega, um conhecido capitão, nascido nessa terra. Homem jovem, humilde, simples e lutador. No dia 16 de julho de 1975, o capitão completou 29 anos. Um dia que também ficou marcado na memória dos ipojucanos. Enquanto voltava para casa, na cidade do Recife, em meio a uma cheia que inundou o município de Ipojuca, o Capitão foi vítima de um cruel e misterioso assassinato. Tinha sangue de guerreiro, nasceu em berço sagrado, numa cidade amada e abençoada por Jesus.

Só tirava nota acima de oito e, por isso, foi promovido a 2º Tenente, sem precisar fazer o curso de aspirante, se dedicou e conquistou seus títulos com muito esforço. Era muito querido e considerado por todos na comunidade. Era um excelente atirador, e tinha faixa preta no Judô.

A praça com seu nome era um ponto de encontro para conversar, jogar dominó, brincar com as crianças, jogar futebol e ver a banda de Santa Cecília tocar. Fico a imaginar se hoje em dia fosse como antigamente, uma praça tranquila, mas que cabia muita gente. Hoje muito agitada, com músicas depravantes. Coitado do capitão, ver toda uma tradição ser manchada por um paredão. Um lugar bem diferente era a praça do capitão Braz lá do povo oense.

Certo dia, tentaram tirar seu nome desse lugar, mas a sua história não pode se apagar, pois é um exemplo de dedicação para os jovens dessa nação que se inspiram nos ipojucanos que têm determinação.



Professora Gisleide da Silva Cunha
Escola Mun. Armando da Costa Brito – 9º A

CORDEL

A literatura de cordel é uma forte marca da cultura popular nordestina. A sensação que temos é que os temas, falares e jeitos de ser do nosso povo acomodam-se de forma muito natural e bela à proposta musical que reside em todo bom cordel.

Os estudantes da EJA I e II da rede foram desafiados a criarem juntos cordéis. As turmas capricharam na criatividade, nas rimas e na valorização da nossa cultura, traduzindo em forma de arte seus dilemas: o dia a dia do seu bairro; as lutas diárias do ser mãe; o orgulho de sua terra. Vamos nos deixar envolver pelos versos dos nossos estudantes. Viva a poesia popular!

Sentado a imaginar

Amara Soares da Silva, Amaro Pedro de Santana, Antônio Virginio Pereira, Cícera Maria da Silva, Cilene Gomes da Silva, Edite Amara da Silva, Elurdiane Maria do Nascimento, Jovelita Maria Nepomuceno, Magaly Almeida da Silva, Manoel Nazareno Nunes Alves, Maria José da Conceição, Maria Luciana Guilherme da Silva, Maria Luiza Guilherme da Silva, Marinalva Maria da Silva, Mônica Maria de Santana Soares, Severina Vicencia da Silva Alves, Valdeci Maria Silva da Costa, Vilma Lucia Vieira da Silva

Olha, gente
escute o que eu vou contar
fico aqui sentado só a imaginar.
Como seria o bairro São Miguel,
se ele viesse a mudar.
Começando por uma boa escola,
para os alunos estudar.
espaçosa e aconchegante
com quadra para os alunos jogar.
Com praças, brinquedos
e se a TV pudesse voltar.
As pessoas terem consciência
de as coisas conservar.
A violência anda por aqui,
deixa todos a se assustar.
Olho de um lado para o outro
não vejo um gato pingado.
Fico aqui pensando
como era o meu bairro,
calmo e tranquilo
o que veio assustar
foram os desconhecidos.

Gosto muito do meu bairro,
mesmo com todos problemas
tudo seria tão tranquilo,
se não fosse a violência.

Professora Márcia Maria da Silva Souza
Escola Mun. Elisa Emília de Almeida – EJA II

Peleja de uma mãe

Cosmo Alvino do Nascimento Silva

Minha vida foi sofrida
muitos causos pra contar
do sofrimento cacei forças
para cair e levantar
de nada me arrependo
tenho fé no bom Deus, Ele tudo proverá

Carregando meu primeiro filho
sentia grande aflição
pois agora eu teria
uma vida em minhas mãos
e tudo que eu fizesse
ele seria a inspiração

Logo o segundo filho esperava
minha labuta dobrou
ter aqueles bruguelos comigo
isso me contentou
pois por eles
mãe, Deus me modelou

Depois de tanto tempo
me pego a refletir
tudo valeu a pena
hoje só me resta pedir
proteja, Deus, meus filhos
te rogo sem medir.

Professora Edivânia Maria dos Santos
Escola Mun. Nossa Sr.ª das Mercês – EJA I e II

Daqui do meu lugar, eu fico a imaginar

Cícera Maria da Conceição da Silva, Érica Patricia da Silva, José Carlos Marques da Silva, José Roberto da Silva, Marcelo Antão Santos da Silva, Maria Edileusa Coelho, Maria José de Lima, Maria José Francisca da Silva, Maria José Pereira da Silva, Mizael Marques da Silva, Petrucia Maria da Silva, Rivaldo Severino dos Santos, Thiago Luís da Silva

Eu começo assim a falar,
Desse lugar que eu moro,
Não tenho vergonha de contar.

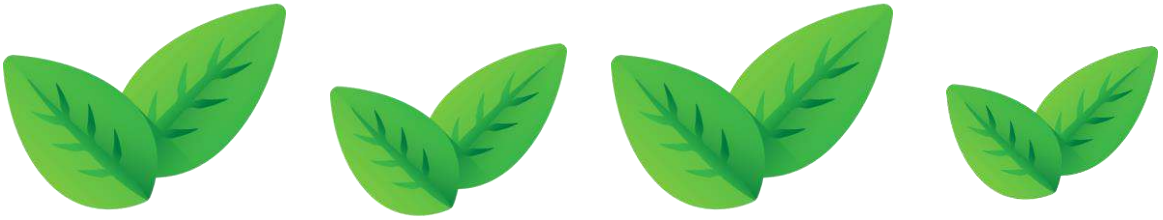
Daqui do meu lugar
Eu fico a imaginar
Como seria meu Engenho Maranhão,
Se não tivesse pessoas para morar.

Nele mora gente do bem,
Que levanta cedo,
Para ganhar seu vintém.

Daqui do meu lugar
Eu fico a imaginar
Minha terra e suas cachoeiras
Para eu poder explorar.

Quero viver para continuar
Cuidando e preservando
Esse meu lindo lugar.

Professor Romero Fernandes de Souza
Escola Mun. Maria Teresa – EJA I e II



CAUSO

Quem não gosta de ouvir uma boa história? O hábito de contar histórias continua a aproximar pessoas de épocas diferentes. Quem, por exemplo, teve a sorte de ter uma vovó contadora de história ou um vovô, tio, vizinho… com fama de bom contador, deve trazer ainda consigo as lembranças de encanto, medo, risos e fantasias que só aqueles que viveram momentos assim poderão recordar.

O gênero causo é fruto da tradição oral e é uma importante representação de como mantemos viva a cultura de fazer histórias, verdadeiras ou não, seguirem de geração em geração. Para produzir bons causos, é interessante contar os fatos de modo mais coloquial e com expressões que reforcem as marcas regionais do nosso povo. Vamos juntos ver o que nossos estudantes da EJA IV têm para nos contar!

Em terras novas

Fernanda Aparecida Conceição

Diz que havia uma época em que um distrito pequeno de uma cidade importante, localizada num lugar privilegiado do estado de Pernambuco, era terra de encontrar crianças brincando nas praças, jogando pião, pulando corda, se sujando de barro, tomando banho de chuva, jogando futebol e pega-pega numa correria de dar gosto. Foi nessa mesma época, início dos anos 2000, que chegou por essas bandas uma mocinha, nos altos de suas 14 primaveras. A jovem era de cidade grande, dos arranha-céus de São Paulo. Nesse lugar encontrou aconchego, bons amigos e encantou-se pelas belas cachoeiras e toda a vistosa paisagem camelense.

Fernanda era o nome da mocinha e nova moradora de Camela. Mesmo diante de toda formosura das terras ipojucanas, a mudança da cidade grande para o pequeno lugarejo não deixou de causar estranheza. A menina Fernanda não teve uma vida fácil: parou de estudar, casou, teve duas filhas lindas e, seguindo nessa batalha da vida, não deu o braço a torcer e nem brecha pra o desgosto tomar conta.

O triste mesmo veio com o passar dos anos: a calmaria do lugar foi dando espaço pra tudo quanto é coisa que não presta: o tráfico chegou tirando a paz das famílias, as praças agora já não são seguras para as crianças, a violência *tá* em todo arredor e o povo de bem vive trancafiado dentro de suas casas. O que se sabe é que Fernanda não sossega e não entrega os pontos: segue teimando e seguindo contra a maré ruim: estudo e trabalho é o lema! Daqui do seu lugar, fica a imaginar o dia em que a paz e o orgulho vão voltar e devolver o sorriso ao povo batalhador aqui pelas bandas de Camela.

Professora Ada Juliana do Nascimento
Escola Mun. Prefeito Luiz Manoel Nogueira – EJA IV

Um velho conhecido

Cláudia Carolino Marramão

Um velho conhecido meu, numa conversa bem descontraída, me contou que imaginava minha cidade Ipojuca com menos recursos do que se mostrava. Mas, ao chegar ao centro dela se surpreendeu com suas ruas limpas, asfaltadas e disse: “eita, que se cidade bonita”.

Percorrendo diversos engenhos, viu algumas estradas ainda não asfaltadas. Eram de terra batida, mas não menos bonitas. Ele se admirou com seus belos canaviais que um bom caldo de cana se faz. Tanto verde, tanta beleza com toda sua natureza! Quando conheceu o convento lá no centro, se encantou e falou: “Cidade abençoada por Jesus!”.

Quando ele chegou e viu as nossas belas praias, se maravilhou ainda mais. Aquelas águas cristalinas, o cheiro do mar, as piscinas naturais... Acredito que ele pensou consigo mesmo: “Como pode uma cidade tão pequena ter praias como essas? É um verdadeiro paraíso!”.

Durante nossa conversa falei: "Toda cidade tem seus problemas, meu senhor, o importante é termos as ruas limpas e bem cuidadas. Crianças, jovens, adultos e idosos com o 'bucho cheio'. Escolas funcionando, alunos aprendendo e pensando num futuro melhor para si mesmos e seus familiares, com professores cada vez mais comprometidos, ensinando e dando o seu melhor todos os dias.

É assim que eu fico a imaginar e que consigo pensar a minha cidade, Ipojuca amada, com dias melhores para todos nós.

Professora Dalvilene Souza do Nascimento
Escola Mun. Prof. Aderbal Jurema – EJA III A

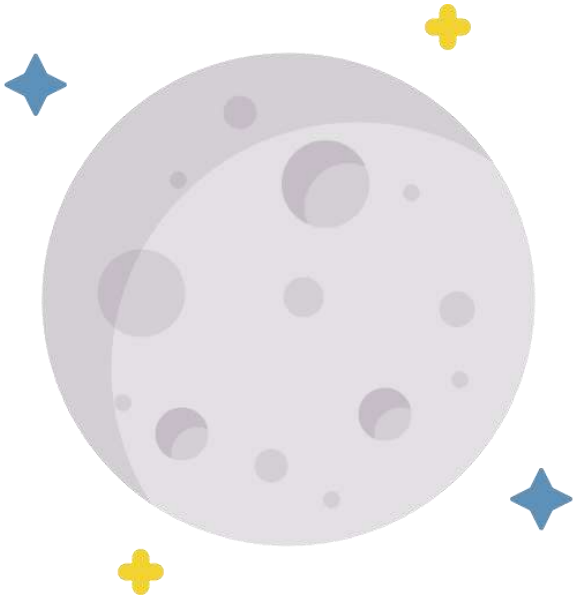
Meu paletó virou cinza

José Fernando da Silva

Quando era jovem, morava em um sítio que tinha uma casa de farinha. Na casa de farinha, usávamos motor para moer mandioca. O motor era abastecido com gasolina. A gente comprava gasolina de *bombona* de vinte litros e armazenava dentro do meu quarto. Quando a gente ia usar a gasolina, passava dessa *bombona* para uma vasilha menor.

Certo dia, ainda de madrugada, fomos fazer a troca — nesse tempo não tinha energia e se usava candeeiro — foi nessa hora que o fogo do candeeiro pegou na gasolina que estava na vasilha. O fogo estava pequeno quando chamei meu irmão para ajudar. Mas ele bateu na vasilha e saiu com o pé pegando fogo, aumentando a chama dentro do quarto. Foi aí que meu paletó, que estava pendurado no cabide, que eu gostava tanto, que comprei com tanto esforço e juntando dinheiro do corte de cana, acabou virando cinzas.

Professora Maria de Lourdes Barbosa de Lima
Escola Mun. Agro Urbana – EJA IV B



RELATO DE PRÁTICA

Não poderíamos deixar de reservar neste livro uma seção especial para o compartilhamento das práticas em sala de aula de nossos professores.

O Festival Literário do Ipojuca tem por foco a produção textual dos estudantes com vistas ao letramento literário. As ações pedagógicas para a vivência de todas as etapas do Festival exigiram grande mobilização por parte dos professores. Sem a participação e intervenção pedagógica desses profissionais, não seria possível desfrutarmos deste livro que agora temos em mãos! Nos conforta e nos anima a ideia de termos professores tão comprometidos com a melhoria do ensino e aprendizagem em todas as unidades de ensino da rede.

Chegou a hora de (re)conhecermos o excelente trabalho das professoras Clécia e Luciana por meio da leitura dos relatos de prática produzidos por cada uma delas. Ambas nos fornecem detalhes de como planejaram, conduziram e avaliaram seu próprio trabalho pedagógico e a evolução de suas turmas ao longo das etapas de produção dos estudantes.

Vamos brincar e aprender com as cantigas de roda?

Clécia Rufino de Santana

O presente texto consiste em um relato de prática vivenciado em uma turma da pré-escola, com crianças de 5 anos, na Escola Municipal Santa Rita, situada na zona rural do município de Ipojuca. O projeto intitulado “Vamos Brincar e Aprender com as Cantigas de Roda?” tem o intuito de incluir as cantigas de roda como suporte cultural para desenvolver a aprendizagem das crianças. O referido projeto foi pensado para ser desenvolvido ao longo do ano de 2022, trabalhando uma cantiga de roda mensalmente. Iniciamos a implementação dos trabalhos em março, quando voltamos às aulas presenciais. No primeiro momento, conversei com as crianças sobre as cantigas de roda, fiz uma sondagem sobre o que elas sabiam a respeito do tema e quais cantigas faziam parte do cotidiano delas. Cantamos e brincamos com as cantigas apresentadas por elas. Em seguida, elencamos as cantigas mencionadas pelas crianças, escrevi no quadro o nome das cantigas e apresentei algumas músicas que não foram destacadas pelas crianças com o objetivo de ampliar o repertório da turma. Ao apresentar minhas sugestões, ligava o som para que as crianças pudessem ouvir/conhecer as cantigas e depois cantávamos juntas. Em seguida, chegou o momento de escolhermos as cantigas que fariam parte do nosso projeto. Os estudantes selecionaram dez cantigas de roda, incluindo algumas apresentadas pela turma e outras apresentadas por mim.

A primeira cantiga escolhida e trabalhada foi "A Dona Aranha", cuja vivência será o foco deste relato de prática. Cabe salientar que a sequência didática proposta para minha turma foi pensada de maneira que contemplasse os cinco campos de experiências da Educação Infantil e que garantisse os seis direitos de aprendizagem da criança (conviver, brincar, explorar, participar, expressar, conhecer-se).

Na primeira semana, confeccionei um cartaz com a música “A Dona Aranha”, com a ajuda da turma. Perguntei a opinião dos alunos sobre o que precisaria ter no cartaz para representar a música trabalhada, ou seja, o que a professora precisaria desenhar para que pudéssemos identificar a cantiga.

A primeira sugestão foi a aranha. Depois mencionaram a parede, a chuva e o sol, seguindo exatamente essa sequência. Após resposta das crianças, investiguei se a turma já tinha visto uma aranha e solicitei que a descrevesse. A maioria falou que era preta, tinha pernas e morava na teia. Aproveitei e perguntei como poderia desenhá-la e se alguma criança sabia desenhar a aranha. Como obtive uma resposta negativa, sugeri que fizéssemos uma pesquisa na internet. Pesquisamos fotografias e desenhos de aranhas. Questionei os alunos sobre a forma geométrica da aranha, a cor, as partes do corpo e demais características. À medida que as crianças falavam, eu desenhava em uma folha A3, fixada no quadro da sala. Para desenhar os outros elementos citados pela turma, fiz questionamentos sobre como deveria desenhar cada um, solicitando que a turma apontasse algumas características como cor, forma, tamanho, posição, entre outras. Assim que concluí o desenho, conversei com as crianças sobre o texto da música. Falei que iria escrever o nome (título) e a música no cartaz e que precisaria da ajuda da turma para lembrar do título e da música. Propus que cantassem a música enquanto eu escrevia o texto. Concluída essa etapa do trabalho, partimos para a pintura coletiva do cartaz.

Na segunda semana, fizemos uma roda de conversa. Voltamos a cantar a música “A Dona Aranha” e lancei alguns questionamentos sobre o cartaz que confeccionamos na semana anterior. Perguntei o título da canção e fiz alguns questionamentos sobre a música, tais como: A música fala sobre quem? O que aconteceu com a aranha? Como a aranha se comporta? Aproveitamos e conversamos sobre o tempo (chuva/sol). As características do tempo chuvoso e ensolarado. Tipo de roupas que devemos usar e os cuidados que devemos ter em cada situação (chuva – sol). Durante a conversa, uma aluna externou que gostaria de desenhar a aranha no quadro. Ela utilizou o cartaz confeccionado na semana anterior como inspiração. Desenhou a aranha, contudo não percebeu a quantidade de patas que deveria ser desenhada. Aproveitei o ensejo e trabalhei a quantidade de patas e a lateralidade. Solicitei que a turma observasse e contasse as patas do lado direito e do lado esquerdo da aranha. Fizemos a soma da quantidade de patas. Em seguida, solicitei que as crianças encontrassem o número que representasse a quantidade de patas de cada lado, como também o somatório das patas. Além de identificar esses números no painel numérico fixado na parede da sala, a turma modelou-os com massinha de modelar. Algumas crianças ainda apresentam dificuldade para identificar números de 0 a 9 e não conseguem modelá-los sozinhas, necessitando da minha intervenção. Fizemos algumas brincadeiras e atividades coletivas e individuais para que as crianças relacionassem o número à quantidade. Nessa mesma semana, começamos a trabalhar a produção do desenho das crianças. Solicitei que elas fizessem o desenho da aranha, considerando o número de patas. A maioria sentiu dificuldade para iniciar a produção. Fiz uma intervenção, reportando-me ao cartaz confeccionado na primeira semana e desenhei no quadro, explicando os passos utilizados para o desenho da aranha. Embora eu tenha desenhado e explicado a maneira como fiz o animal, cada produção dos alunos teve sua singularidade e peculiaridade.

Na terceira e quarta semana, fui intensificando a produção dos alunos, solicitando que eles desenhassem, inserindo outros elementos da cantiga, tais como: parede, chuva e sol, já que eles destacaram esses elementos no momento da confecção do cartaz. Nesse período, também trabalhamos a consciência fonológica, refletindo a respeito da palavra *aranha*, questionando as crianças sobre: Quantos pedaços formam a palavra? Qual é o primeiro som pronunciado na palavra? Qual é o último som? Quais figuras (apresentadas à turma) começam com o mesmo som de *aranha*? Quais nomes dos alunos da turma começam com o mesmo som de *aranha*? Trabalhamos com as vogais, solicitando que as crianças identificassem as vogais na palavra *aranha*, bem como nas palavras *parede*, *chuva* e *sol*. As crianças escreveram *aranha* com o alfabeto móvel e analisaram a palavra. Quantas letras têm? Qual é a primeira letra? Qual é a última letra? Quantas vogais? Quais são as vogais?

No processo de construção do desenho, percebi que a maioria das crianças tem evoluído significativamente nas suas produções, considerando a distribuição dos elementos na folha, o traçado e a pintura.

Finalizo avaliando essa vivência como uma prática exitosa, pois tenho percebido o envolvimento, a motivação das crianças e os bons resultados durante e depois do processo. Isso acontece porque a vivência com a cantiga de roda tem possibilitado articular as diferentes linguagens, tais como: oral, gestual, corporal, musical, escrita, cada uma delas com seu potencial lúdico; além disso, tem oportunizado a interação entre as crianças, com os colegas e com o meio cultural e social em que estão inseridas, contribuindo para o desenvolvimento da aprendizagem delas.

Ler e imaginar

Luciana Conceição Dutra de Moura

Este trabalho insere-se no campo da prática docente, na área de conhecimento em Língua Portuguesa, desenvolvido com os alunos das turmas de primeiro e segundo anos do ensino fundamental, na modalidade multisseriada, da Escola Municipal Fazenda São Miguel, e tem por finalidade a apresentação do processo de vivência literária e participação no concurso do I Festival Literário do Ipojuca – Flipojuca, promovido pela Secretaria Municipal de Educação do Ipojuca.

Através do concurso, que teve como temática: *Daqui do meu lugar, eu fico a imaginar*, foi estimulada a produção textual do gênero quadrinha, realizada por meio de escrita colaborativa. A presente atividade possibilitou o processo criativo de produção literária e resgate de nossa cultura popular, além da promoção das habilidades curriculares: EF12LP18PE-IP, EF15LP15PE IP, EF15LP19PE-IP, EF15LP19PE-IP, EF01LP16PE-IP.

A literatura popular fez parte do cotidiano de estudo e de estímulo à leitura e à escrita através de atividades de letramento literário, em que os gêneros textuais da cultura popular (cantigas, quadras, quadrinhas, parlendas, trava-línguas) são vivenciados no curso do ano letivo por meio do estudo dos cadernos de atividades intitulados “Criança Alfabetizada dos 1º e 2º Anos”.

Portanto, a proposta do concurso com a poesia rimada (quadrinha) ganhou voz e vez na sala de aula, de maneira que ocorreu com o registro, em colaboração com os colegas e auxílio dos docentes.

Vale salientar que a arte dos mamulengos foi aliada e auxiliou no passo a passo dos estudos com recital e brincadeiras com as palavras, além de lançar o desafio rimado e atenção à atividade.

Então, a proposta foi apresentada através do tema e os alunos interagiram com o sentimento de pertencimento sobre "*Daqui do meu lugar, eu fico a imaginar*", ressignificando o advérbio "*daqui*" e relacionando-o à *escola* como referência de lugar, juntamente associada ao desejo de "e*u fico a imaginar*", aflorando o sentimento da aprendizagem e o desejo de ler.

A leitura faz parte do desejo de aquisição da alfabetização e a escola possui o papel mediador que possibilita a realização do sonho de infância.

Mediante a curiosidade aguçada e solicitações para leitura da narrativa, decidimos registrar palavras que permeiam o universo temático com bastante entusiasmo, como *sonho*, *fantasia*, *leitura*, *imaginação*, que compunham o repertório poético dos alunos que já adquiriram gosto pela literatura de tradição oral. E o desencadeamento foi ocorrendo com naturalidade e entusiasmo, resultando em quatro quadrinhas, dentre as quais, apenas uma foi escolhida em recital realizado na própria unidade de ensino, conforme o edital do I Flipojuca.

Assim, o concurso possibilitou a imersão na poesia popular, como uma proposta de deleite, que fomenta o prazer de ler e escrever pela diversão, conforme as disposições previstas no currículo da rede[1] (IPOJUCA, 2020). Nas vivências em sala de aula, foram dadas aos estudantes oportunidades de compreender e produzir textos orais e escritos voltados para o deleite e a apreciação do universo literário, tornando-os autores de suas narrativas e sonhos.

[1] IPOJUCA. **Currículo Referência do Ipojuca.** Ipojuca, 2020.

INICIATIVA
Prefeitura Municipal do Ipojuca
Prefeita Célia Agostinho Lins de Sales
Secretaria Municipal de Educação
Secretário Municipal de Educação: Francisco José Amorim de Brito
Secretário Executivo de Educação: Edvaldo da Silva Medeiros
Diretora de Desenvolvimento de Ensino: Sílvia Helena Vasconcelos da Silva

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Alcicleide Maria Santana de Jesus
Ana Catarina Lemos Cabral
Ana Célia Feitoza Guimarães
Edilene Henrique Gonçalves
Ítalo Moraes de Souza
Juliana Lemos Marinho da Silva
Karla Crístian da Silva
Roberta Elane Maria Xavier

CAPA E ILUSTRAÇÕES
Secretaria Especial de Comunicação
Secretário Especial de Comunicação: Uyapuran Torres Medeiros Filho

PROJETO GRÁFICO
Juliana Lemos Marinho da Silva

REVISÃO
Eliete Maria Lins
Evana Izabely Ribeiro de Souza
Francisco de Assis Castro de Carvalho
José Edson Bentzen
Joselane Eletânia da Silva
Juliana Lemos Marinho da Silva
Márcia Maria dos Santos
Silvana Gomes Nascimento

COMISSÃO JULGADORA
Alcicleide Maria Santana de Jesus
Ana Catarina Lemos Cabral
Ana Célia Feitoza Guimarães
Ana Cleide da Silva
Anderson da Silva Souza
Edjane Aureliano Vieira
Erlandia Kilma dos Santos
Evana Izabely Ribeiro de Souza
Francisco de Assis Castro de Carvalho
Ítalo Moraes de Souza

Joselane Eletânia da Silva
José Ronaldo dos Santos
Juliana Lemos Marinho da Silva
Karla Crístian da Silva
Kleicyane Alves Gomes
Lucidalva Maria Valentim
Márcia Maria de Freitas
Priscilla Barbosa Lacerda
Raqueline Lacortt Carvalho
Rosiclaudia Soares das Chagas
Rosimere Andra Nepomuceno Silva
Rosinaldo Pereira da Silva
Silvana Gomes Nascimento
Simone Maria da Silva Souza
Tarciana de Paula Silva
Vânia Monteiro Silva

APOIO TÉCNICO

Alcicleide Maria Santana de Jesus
Ana Catarina Lemos Cabral
Ana Célia Feitoza Guimarães
Ana Cleide da Silva
Anderson da Silva Matos
Edilene Henrique Gonçalves
Edjane Aureliano Vieira
Elilde Maria Ramos
Erlandia Kilma dos Santos
Flávia Barbosa de Santana Araújo
Francisco de Assis Castro de Carvalho
Ieda Alves da Silva Mariano
Iracilda Ramos da Silva
Ítalo Moraes de Souza
Juliana Lemos Marinho da Silva
Karla Crístian da Silva
Kleicyane Alves Gomes
Leônidas Dantas de Castro Junior
Lucidalva Maria Valentim
Márcia Maria de Freitas
Márcio Silva de Lima
Priscilla Barbosa Lacerda
Rejenice José da Silva
Roberta Elane Maria Xavier
Silvana Gomes Nascimento
Simone Maria da Silva Souza
Tarciana de Paula Silva
Vânia Monteiro Silva

I Festival Literário

FLIPOJUCA

Daqui do meu lugar, eu fico a imaginar

Com o objetivo de colaborar com a melhoria do processo de ensino-aprendizagem da leitura, da escrita e da oralidade por meio do letramento literário, a Secretaria Municipal de Educação lança o I Festival Literário do Ipojuca – Flipojuca. Apesar de um início tão recente, o Flipojuca tem nos trazido grandes alegrias. Todas as unidades escolares da rede mobilizaram-se para vivenciar as etapas do Festival — oficinas de produção textual, rodas de leitura, tertúlias, brincadeiras de roda, saraus... Estamos agora colhendo mais um desses frutos: o livro *Daqui do meu lugar, eu fico a imaginar*! Façamos jus aos autores — estudantes e professores de toda a rede — lendo e apreciando seus textos!

PREFEITURA DO IPOJUCA
CUIDANDO DO FUTURO DE TODOS
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO